

### Arraia

No dia 15, às 19 horas, alunos da UFSC de Joinville farão arraial na Estrela da Vila Baumer, com shows de Dimas Alan e DJ. Informações em [ouvidoria.calem@gmail.com](mailto:ouvidoria.calem@gmail.com).

### A Notícia-Serviço

#### VESTIBULAR 2012

#### UFSC divulga edital de terceira chamada

O diretor do Departamento de Administração Escolar (DAE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) divulgou ontem, o edital com a 13ª chamada do Vestibular 2012 da UFSC. Os candidatos devem fazer a matrícula no período de 4 a 6 de junho, munidos da documentação exigida. A matrícula deve ser feita no DAE, campus Trindade da UFSC, das 8h às 12h e das 14h às 18h. Informações no fone (48) 3721-6553.

Diário Catarinense-Gerais

#### O MUNDO DÁ VOLTAS

Um catarinense formado em Educação Física pela UFSC e faixa preta em jiu-jítsu acaba de voltar da China, onde foi dar aulas à polícia no país que é considerado um dos berços das artes marciais no mundo.

Tony Eduardo de Lima e Silva Hoerhann lecionou técnicas de combate desarmado na Academia de Polícia da China, raramente aberta a intercâmbio com estrangeiros. A formação é considerada estratégica, pois lá os agentes não usam armas de fogo nas ruas.

Diário Catarinense-Visor

UFSC.



## Seletivo para professores tutores da UFSC

**JOINVILLE - A UFSC**  
(Universidade Federal de Santa Catarina) está com inscrições abertas para os processos seletivos 006 e 007/2012. O objetivo é a contratação de 12 tutores para o curso de pós-graduação de Gestão em Saúde pelo Programa Nacional de Formação em Administração Pública.

Segundo informações constantes em edital, são oito vagas para Tutor de Educação a Distância com dedicação de 20h semanais à atividade, destas reservadas quatro horas, uma vez por semana, ao atendimento presencial no campus Trindade. Já no certame 007/2012, as quatro oportunidades para Tutor

Presencial são destinadas aos campi de Joinville, Florianópolis, Laguna e Criciúma, com a mesma jornada de trabalho. A bolsa, para todas as vagas, é R\$ 765,00 e os interessados devem preencher ficha até 11 de junho pelo e-mail [gestaosaude@eadadm.ufsc.br](mailto:gestaosaude@eadadm.ufsc.br), com o currículo em anexo. Mais informações no site [ufsc.br](http://ufsc.br).

Notícias do Dia-Classificados



# Rastros do “povo pescado no igarapé”

Sílvio Coelho dos Santos: um antropólogo catarinense no Alto Rio Solimões

RAQUEL WANDELLI \*

O primeiro encontro de um antropólogo com o outro da cultura costuma ser marcado pelo peso de uma iniciação ritualística que resulta, não raro, em um pacto inquebrantável entre o pesquisador e o sujeito/objeto de sua pesquisa. Desde a vivência com os Ticuna (Tükuna, na grafia original), no Alto Rio Solimões, na Amazônia, em julho e agosto de 1962, até o dia de sua morte, em outubro de 2008, de câncer, Sílvio Coelho dos Santos nunca mais seria totalmente branco. Impactado pela verdade oculta e óbvia desses povos, ele dedicaria o resto de seus dias à compreensão do modo de ser índio e à defesa dos direitos indígenas.

Subindo de barco os igarapés em uma época quando viajar para a Amazônia era, mais do que hoje, uma expedição arriscada, Sílvio Coelho recolheu objetos representativos dos Ticuna na missão quase dramática de salvar do esquecimento a riqueza cultural mostrada nos livros que agora ele podia ver e tocar. Adentrando aldeias e rituais, negaçando aqui e ali uma rede, um tear, um instrumento musical, uma estatueta em troca dos antigos cruzeiros, compôs a primeira coleção significativa no mundo dessa gente. Tornou-se, enfim, quase um mercenário, como ele mesmo registrou em seu diário de campo, em conflito consigo mesmo. O resultado dessa troca, que ele preferiu chamar de “fricção étnica”, referenciando o novo conceito da época, pode ser visto na mostra que o Museu Arqueológico e Etnológico Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) apresenta pela primeira vez ao público. Desde que retornou da expedição, o acervo esteve depositado na reserva técnica da antiga sede do Museu Universitário, aguardando as condições de climatização e conservação necessárias. Isso só foi possível com a inauguração do grande pavilhão que recebeu seu nome, no dia 24 de abril.

São 53 objetos recolhidos entre os Ticuna mais os registros de campo, compostos por 135 diapositivos (slides) e dois diários manuscritos pelo antropólogo catarinense no coração da selva amazônica. Adornos

personais, cerâmicas, cestos e utensílios domésticos, bonecas esculpidas em madeira, esculturas antrozoomorfas. À medida que se caminha pela exposição se pode visualizar o encontro do antropólogo com a floresta Ticuna, adquirindo remos, indumentárias ritualísticas, brinquedos infantis, instrumentos musicais e principalmente bastões cerimoniais, máscaras e outros objetos ritualísticos.

A viagem de Sílvio Coelho pela Mata Amazônica tinha o desafio de agregar experiência à sua formação teórica como antropólogo. Mas ao chegar ao município de Benjamim Constant, ao lado da colega Cecília Maria Helm e do etnólogo Roberto Cardoso de Oliveira, que o orientava na pesquisa, foi marcado pela visão de um povo massacrado pelo avanço violento dos seringueiros e madeireiros sobre suas terras e lutando para manter os costumes e tradições. Todo o mundo ficaria fascinado pela magia cultural dessa etnia, que acredita ter sido pescada com vara por um herói mítico (Yo'í) nas águas vermelhas do igarapé Eware.

O estupor de quem vê a exposição, a força assustadora das máscaras, desenhos e pinturas ganhariam alcance internacional e atrairiam inúmeros outros pesquisadores estrangeiros. Muito além da prestação de contas de um trabalho acadêmico exploratório, o legado deixado pelo antropólogo representa a retribuição emocionada de um jovem estudante de 24 anos à gente que o acolheu por dois meses e o ensinou que todos os seres vivos do mundo, inclusive os humanos, estão organizados em duas grandes linhagens, a das aves e a das plantas. Em sua arte cosmogônica, Coelho e os Ticuna reverenciam o valor sagrado dos animais, das árvores, da sexualidade e da vida.

Professora de Jornalismo da  
Unisul e doutoranda em  
Literatura pela UFSC

## Agende-se

O quê: Exposição *Ticuna em Dois Tempos*  
Local: Museu de Arqueologia e Etnologia  
Professor Oswaldo Rodrigues Cabral  
Universidade Federal de Santa Catarina  
- Campus Universitário Reitor João David  
Ferreira Lima - Trindade - Florianópolis  
Quando: até 25 de outubro, de segunda a  
sexta (fechado às terças) - das 10h às 17h

Peças garimpadas pelo antropólogo Sílvio Coelho dos Santos estão em exposição no MARQUE, no campus da UFSC





## Diário narra sonho e tragédia dos índios

“

*Sobre a viagem, posso registrar que está completa. Vivo cenas que sonhei quando garoto e que nunca imaginei viver.*

*Aqui o antropólogo tem que ser acima de tudo um equilibrista, pois ora são pontes de um único toro de içara que deve ser atravessado, ora os balancetes e reviravoltas da embarcação na correnteza que deve ser mantida em equilíbrio.*

*Nada, narração alguma poderia dar ideia a alguém sobre o que é um igarapé, a bacia amazônica. As prainhas formadas, as curvas, os furos, os pequenos igarapés afluentes, as árvores caídas formam um conjunto indescritível.*

Trechos do Diário de Sívio Coelho

Geralmente à noite, dentro do mosquiteiro, para escapar dos carapanãs, Coelho escrevia no diário todos os detalhes da missão amazônica com uma seriedade científica que não encobria, contudo, o sentimento de idealismo e justiça social do estudante. Ao chegar ao posto Ticuna, no dia 5 de julho, antes de testemunhar as condições de miséria em que viviam esses índios, Sívio revelou sua emoção e o temor de não ser capaz de realizar a missão que lhe fora delegada.

"As 16,30 horas chegávamos a Mariuçu, sede do Posto Tukúnas, onde fora recebido pelo encarregado, Sr. Bernardino. O prazer de ver os índios foi total e por um momento pensei ter realizado meus sonhos."

Assim o pesquisador começa a narrar a expedição ao lado da colega paranaense do curso de Especialização Cecília Vieira Helm e do coordenador do curso, o renomado etnólogo Roberto Oliveira (que faleceu em 2006, dois anos antes do orientando). Segue-se aí um envolvente e envolvido relato de um narrador empenhado em deixar um registro bastante completo sobre as condições de vida, práticas culturais e religiosas, mitologia, sonhos, doenças, tristezas, educação indígena pelos brancos, luta pela sobrevivência da nação Ticuna.

Ao final do segundo diário, o antropólogo transcreve entrevista com o major Pereira de Melo, que atuou no subcomando do grupo da fronteira de Manaus na expedição Javari de 1960.

Sívio Coelho interroga-o com o objetivo de esclarecer qual era a população metralhada pelo exército na operação que "limpou" a área dos "bandoleiros", como o major chamava os "apátridas com base no Peru" que, segundo ele, estariam usando os índios em seus ataques às tropas e aos moradores. Uma observação corajosa do pesquisador na última página revela a saga dos índios naqueles tempos de ditadura militar, extermínio dos povos nativos, extração desenfreada da madeira e política desenvolvimentista:

– Pelo modo de narrar os fatos, parece que nosso informante estava consciente que os residentes nesse acampamento e vítimas dos ataques do exército eram índios. Falou-nos de que só uma lata de conserva, usada como panela, e calções que alguns habitantes usavam denunciavam a presença de civilização. Todo o acampamento era de estilo típico indígena. Uma sepultura recente foi aberta e o morto estava nu, sobre uma rede indígena.

Coelho denunciava assim os problemas dos índios com as autoridades brancas, que procuravam sempre culpar as brigas entre tribos pelo seu extermínio. Também dava ênfase à forma de organização social e política desse povo de castas, que só admite o casamento entre membros de linhagens diferentes (a designada por nomes de aves e a das plantas). Todavia, só eles são capazes de perceber os sinais que indicam o pertencimento a uma ou outra casta.

### O ritual da adolescência

Tanto na coleta de objetos, quanto na narrativa, Sívio Coelho mostra um forte interesse pela Festa da Moça Nova, ritual de iniciação feminina quando são arrancados os cabelos das moças que recebem sua primeira menstruação. As m<sup>4</sup>scaras são usadas nesse ritual para expulsar os espíritos malignos e reanimar os espíritos da

puberdade, em um movimento que reproduz e perpetua o ciclo natural de nascimento, crescimento, maturidade e morte, conforme explica Cristina Castellano, curadora da exposição, ao lado das museólogas Viviane Wermilinger e Vanilde Ghizoni.

Mais tarde, já reconhecido como um dos maiores antropólogos do Brasil, Sívio se valeria dessa experiência para fazer um trabalho de campo semelhante com o povo Xokleng em Santa Catarina, que deu origem às obras Índios e brancos no sul do Brasil – a dramática experiência dos Xokleng e Os índios Xokleng; memória visual. Como fruto da luta de Sívio Coelho junto a outros antropólogos e indigenistas, finalmente nos anos 1990 os Ticuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Hoje enfrentam o desafio de garantir sua sustentabilidade econômica e ambiental e manter vivas suas práticas culturais. A paz dos Ticuna, contudo, está longe de ser alcançada. Passa pela melioraria de sua relação com a sociedade branca, historicamente marcada pela violência, como já mostram os depoimentos de índios recolhidos pelo pesquisador em seu diário: "Nem todos os civilizados são bons, alguns brigam com os tukuna, às vezes discutem com o freguês e não deixam dever mais de um mês" ou "Omerino Mafrá açoitou um tukuna e ele não deixa tukuna vender para quem quer".

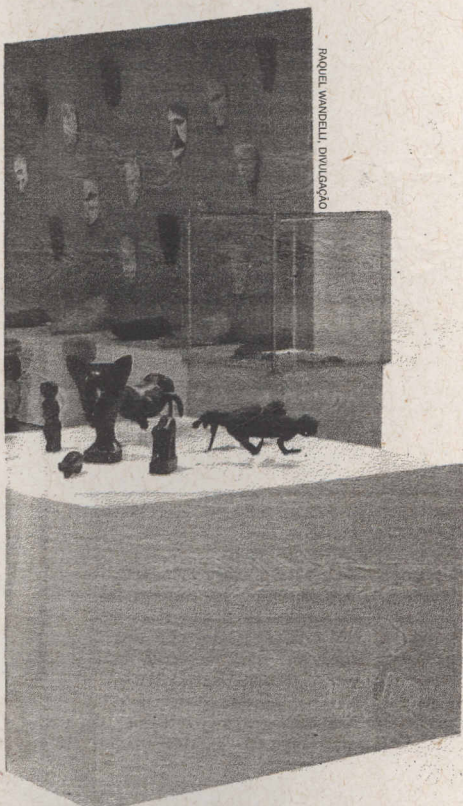
Com um total aproximado de 200 páginas escritas na grafia da época, o relatório apresenta duas versões, uma manuscrita e outra datilografada pelo próprio autor, que já são projeto de publicação da Editora da UFSC. Ambas só chegaram há cerca de oito meses à direção do museu, que digitalizou o material e devolveu-o à esposa do antropólogo, Alair Santos. Embora inédito, o diário foi objeto de análise da museóloga Cristina Castellano, que escreveu sua dissertação de mestrado sobre a coleção Ticuna sob a orientação do antropólogo Aldo Litaiff, aluno e parceiro de pesquisa de Sívio no museu da UFSC.

Como a primeira jornalista a ter acesso a essa escrita etnográfica, perguntei a mim mesma e a todos que entrevistei: por que Sívio Coelho dos Santos, de quem fui aluna especial no Curso de Pós-graduação em Antropologia, no qual era coordenador e gozava de amplo prestígio, tendo ainda sido pró-reitor de Ensino de Graduação e também de Pesquisa, presidente da Associação Brasileira de Antropologia, pesquisador sênior do CNPq, nunca se interessou em publicá-lo? E a resposta que ouço da esposa Alair confirma minha hipótese: "Foi o seu primeiro trabalho como antropólogo; imagino que ele não acreditava no valor que isso pudesse ter". Mas é justamente no idealismo ingênuo e no entusiasmo do pesquisador ao encontrar o outro da antropologia que reside o frescor e o encanto dessa etnografia.

"Ticuna em dois tempos" mostra que antes de se tornar um dos etnólogos mais importantes do Brasil e um grande defensor da causa indigenista, Sívio Coelho fez um "estágio de indigenidade" com essa tribo ameaçada pelo que chamava de "interesses capitalistas". Esse estágio impactou para sempre sua formação científica e humana. O pesquisador foi durante três meses, além de antropólogo, um jornalista, um fotógrafo, um habilidoso narrador etnográfico, um Euclides da Cunha na Amazônia. Foi ave ou planta: Sívio Coelho foi Ticuna!



Sívio Coelho





## A caminho da recuperação do Centro



### Doreni Caramori Jr.

Empresário e presidente da Acif (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis)

“Da Escadaria do Rosário, admirando a igreja lá no alto, aqui-  
latando o que ela representava,  
construída por negros escravos,  
desceu para o mercado, ficou  
outra vez zanzando, a verdade  
é que a cidade o fascinava, de-  
pois foi até o Miramar, meninos  
continuavam se jogando na água  
na incansável faina em busca de  
moedas, espadanavam dando  
demorados mergulhos, voltavam  
orgulhosos com a moeda entre os  
dentes, pediam, me dá um boli-  
nho, me dá uma gasosa, os mais  
taludos arriscavam pedir uma  
cerveja, dali foi até a Praça XV,  
sentou-se em um dos bancos sob  
a enorme figueira, nostálgico re-  
lembrou os tempos que passara  
em Florianópolis...”. Este trecho,  
do mestre Salim Miguel, é parte  
de um dos textos da obra “Rein-  
venção da infância”.

Hoje Florianópolis não tem  
mais a ingenuidade da época dos  
primeiros anos do escritor, que  
na história lembrada perde a  
hora do ônibus de retorno a Bi-  
guaçu inebriado que está pelo  
movimento da Capital. Mas an-  
tigos prédios e lugares, como a  
Praça XV, o Mercado Público,  
a ponte Hercílio Luz, o Palácio  
Cruz e Sousa e a escadaria do  
Rosário, preservam muito da  
memória da cidade. Memória  
que está impregnada também no  
povo de Florianópolis. Por isso  
recuperar e devolver a seus legí-  
timos donos – os orgulhos mane-  
zinhos de nascimento ou “ado-  
ção” – antigas áreas da cidade é

tão importante.

Há, por certo, o componente  
econômico. Como se vê na rua  
Vidal Ramos, o reflexo positivo  
da recuperação de áreas abando-  
nadas e próximas à degradação  
urbana é visto rapidamente. Em  
questão de semanas após a “en-  
trega” da via, a movimentação no  
comércio local aumentou. Mas,  
ao mesmo tempo, há um aspecto  
cultural nesse movimento. Tam-  
bém logo após o fim das obras,  
os moradores de Florianópolis  
voltaram rapidamente a ocupar  
o espaço do qual vinham sendo  
afastados. Todos ganharam.

Daí a importância de outras  
ruas tentarem algo semelhante.  
Justamente o que vem sendo fei-  
to pela Câmara de Lojistas nas  
ruas Conselheiro Mafra e Fran-  
cisco Tolentino, que se reuniram  
essa semana com representantes  
do poder público para discutir o  
futuro da via. Mais uma vez, com  
apoio da Associação Comercial e  
Industrial de Florianópolis e em  
parceria com entidades repre-  
sentativas, esses empresários ini-  
ciam um esforço para recuperar  
um pedaço da cidade que guarda  
anos e anos de história.

São vias pelas quais passou  
muito do desenvolvimento da ci-  
dade e que, ao ganharem “nova  
vida”, vão contribuir para termos  
uma cidade mais bela e agradá-  
vel, encantando seus moradores  
e quem sabe um dia surgindo  
com o lirismo visto na obra de  
Salim Miguel nas reminiscências  
das futuras gerações.

“  
Na rua Vidal  
Ramos,  
poucas  
semanas  
depois da  
“entrega” da  
via renovada,  
o movimento  
no comércio  
aumentou.

”



# A redenção de SALIM

**Na ativa. Meses após acidente, escritor tem livro traduzido para o árabe e publica obra com textos surreais**

PAULO CLÓVIS SCHMITZ  
pc@noticiasdodia.com.br  
@pc\_ND

FLORIANÓPOLIS – 2012 vem sendo um ano atípico para o escritor Salim Miguel. No mês de fevereiro, uma queda no banheiro, seguida de traumatismo craniano, interrompeu a placidez de uma vida longa e sem sobressaltos, levando-o ao hospital, a uma complexa cirurgia, ao coma e a uma lenta recuperação. Este processo está em curso, com boa evolução, mas há outras boas notícias a contemplar o mais importante ficcionista catarinense da atualidade.

A principal delas talvez seja a tradução de seu livro de maior sucesso, "Nur na escuridão", para o árabe, com o que ele pode ganhar o universo de pelo menos 350 milhões de novos leitores. Nascido no Líbano, é de imaginar o que representa essa conquista para o escritor.

Outro fato que vai mexer com a sua rotina de convalescente é o lançamento, já confirmado para o dia 22 de junho, no espaço cultural do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul), em Florianópolis, do livro "Fantasia e (é) realidade – 13 textos surreais", com ilustrações de Tércio da Gama, que sai

pela editora da Unisul e que ele qualifica como "fantasias transformadas em ficção". E, sem alarde, Salim prepara – aliás, já vinha preparando desde o verão, antes do acidente – o volume "Nós", sobre o qual apenas ele, a mulher Eglê Malheiros, a agente Luciana Wrege Rassier, os familiares e poucos amigos têm informações.

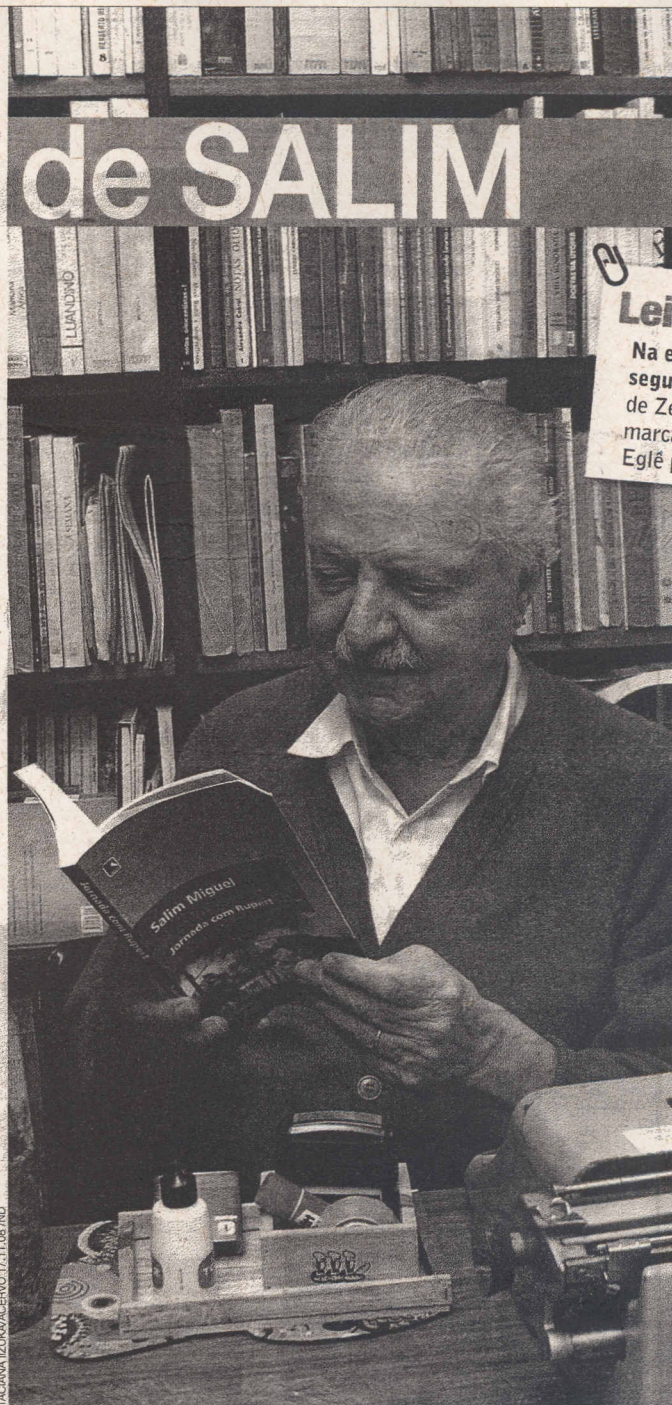
A sucessão de eventos de 2012 não para por aí. Outro capítulo é o documentário de longa-metragem "Salim na intimidade", que o cineasta Zeca Pires está finalizando e que mescla depoimentos do escritor e de Eglê, as relações familiares e a

opinião de amigos. E Luciana Rassier, que também ajuda no filme, não deixa por menos: está preparando um livro sobre Salim que deve ficar pronto no segundo semestre.

"É uma pena que, quase chegando aos 89 anos, eu esteja enfrentando problemas de saúde que me impedem de ir a todos os lugares

*“É uma pena que, quase chegando aos 89 anos, eu esteja enfrentando problemas de saúde que me impedem de ir a todos os lugares”*

homagem que a UFSC nos fez recentemente", diz ele, ao telefone. E Eglê, sua companheira de 64 anos, luta contra dores na coluna que também atrapalham as caminhadas que o casal sempre fazia na região da Carvoeira, onde mora.



**Leia mais**

Na edição de segunda: o filme de Zeca Pires e as marcas de Salim e Eglê pelo mundo

Trabalho. O escritor dobra um início de ano complicado com uma sucessão de bons eventos em 2012, inclusive preparando um novo livro, "Nós"

## Agente leva obra para o mundo

No mês de maio, Luciana Rassier apresentou trabalho sobre "Nur na escuridão", que relata a imigração da família de Youssef Miguel e sua penosa adaptação ao Brasil, no 80º Congresso da Associação Francófona para o Conhecimento, em Montreal, no Canadá. Também organizou a homenagem a Eglê e Salim na Semana de Letras da UFSC, que abordou o papel de ambos na consolidação do

Grupo Sul, nos anos 1940/1950, e como agitadores culturais e "escritores do mundo", pelas relações que mantém, há mais de cinco décadas, com autores de todos os continentes. Além disso, Luciana – que estuda a obra de Salim desde 2004, quando lecionava literatura brasileira na França – vai dar uma palestra no final de junho na UnB, em Brasília, falando da vida e obra do escritor catarinense.



Acidente. Pior fase está superada

## Evolução e apoio da Biblioteca Nacional

Salim garante que já superou a pior fase que se seguiu ao acidente, porque, após sair do hospital, não conseguia sequer reconhecer o local onde estava e quem eram as pessoas ao seu redor. "Nem lembrava dos livros e quadros da minha casa", confessa. Agora, bem melhor, caminha pelo apartamento e já projeta as primeiras incursões pela redondeza.

Sobre a tradução de "Nur" para o árabe, a ser feita por Youssef Mousmar, Salim diz que realiza um

sonho de longa data. A principal dificuldade era pagar o tradutor, mas isso foi resolvido com uma bolsa de tradução oferecida pela Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro. "O livro ainda não foi lançado por causa da crise no mundo árabe, especialmente na Síria, que vem dificultando a busca de apoios e o planejamento da distribuição da obra", conta o autor. A expectativa é de que no início de agosto o volume esteja pronto para ser lançado.



• **Meio Ambiente** - A Semana do Meio Ambiente na UFSC vai até o dia 6 de junho. Entre as atividades abertas ao público, estão a apresentação do projeto Educar Brincando, amanhã. Na quarta, serão discutidas propostas de novos parques para Florianópolis. Informações: (48) 3721-9044.

• **Aula aberta** - O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral promove, nesta segunda-feira, a aula aberta A PEC 215 contra os direitos indígenas, quilombolas e ambientais, com João Pacheco de Oliveira (UFRJ), no auditório da reitoria da UFSC, às 18h30min.

Diário Catarinense-Serviço

**PRÉ-VESTIBULAR**

**UFSC encaminha plano de trabalho**

O chefe de gabinete da UFSC, professor Carlos Vieira, entregou pessoalmente, na sexta-feira, orçamento, plano de trabalho e cronograma para continuidade da parceria com o governo do Estado e oferta do pré-vestibular no segundo semestre de 2012.

A elaboração do plano de trabalho havia sido acordada com a Secretaria de Estado da Educação. O documento foi recebido pelo chefe de gabinete da secretaria, Mauro Tessari.

O cronograma prevê a abertura de processo seletivo no mês de junho e a manutenção de 120 professores para a oferta de 3 mil vagas em 29 cidades catarinenses, como aconteceu em 2011. O orçamento, que era de aproximadamente R\$ 3 milhões, foi reduzido para R\$ 1,8 milhão.

O Pré-Vestibular da UFSC é um projeto de inclusão social que tem como proposta criar oportunidades para estudantes de escolas públicas ingressarem no ensino superior gratuito. Foi implantado em 2003, por intermédio da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, oferecendo 120 vagas no campus da Trindade, em Florianópolis. Informações (48) 3721-6018 ou 9915-3653.

Diário Catarinense-Geral

**OESTE MOBILIZADO**



Chapecó e Passo Fundo (RS) estão em pé de guerra para ver quem leva

o Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). É que, entre outros cursos, receberá o de Medicina. A decisão do MEC sai este mês. Diante do impasse, o presidente da Associação Comercial e Industrial de Chapecó (Acic), Maurício Zolet, convocou as lideranças empresariais para lotarem a audiência pública da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, amanhã.

Diário Catarinense-Visor

**Perfil**

Mario Aguiar é empresário do setor da construção civil, professor do curso de engenharia civil da Udesc desde 1983 (agora licenciado) e primeiro-vice-presidente da Fiesc, onde também preside a câmara de transporte e logística. Natural de Joinville, tem 58 anos. Formou-se em engenharia civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é especialista em construção civil pela Furb, em marketing pela Univille e em gestão empresarial pela Universidade da Pensilvânia. Atua na área da construção e incorporação imobiliária desde 1981. Já concluiu mais de cem edifícios residenciais e comerciais em Joinville e região. É sócio das empresas Vectra Participações e Construções, Vectrapar Construções e Empreendimentos e Êxito Empreendimentos e Construções. Já presidiu o Sinduscon de Joinville e a Câmara Estadual da Indústria e Construção.

A Notícia-Livre Mercado



## Reportagem Especial

# QUEM JÁ FOI REI...

# A arte de ser ex

NATÁLIA VIANA

**N**em CPI do Cachoeira ou o veto da presidente ao Código Ambiental. O assunto que sacudiu a política brasileira na última semana foi a crise envolvendo o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes e o ex-presidente Lula. Esta não é a primeira vez que o petista torna-se protagonista de um episódio político desde que deixou o Palácio do Planalto e reflete como pode ser difícil para alguns se tornar ex.

Mesmo depois de ter passado a faixa presidencial para Dilma Rousseff, Lula nunca abandonou as negociações políticas, influenciando diretamente os rumos do governo federal e do próprio PT. O ex-presidente impôs a candidatura do ex-ministro Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo, passando por cima do PT paulista e da senadora Marta Suplicy. Na última quinta-feira, para oxigenar a pré-candidatura do seu pupilo, Lula foi ao programa do Ratinho, em mais um episódio polêmico. O ex-presidente ainda teria agido, mesmo contra a vontade de Dilma, para a instalação da CPI do Cachoeira, numa tentativa de tirar o foco do julgamento do Mensalão, o mesmo motivo da troca de acusações com Gilmar Mendes.

Para o professor de Ciências Políticas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) Eduardo Guerni, Lula não consegue se desapegar do poder e sofre da síndrome do ex. Para ele, é importante ter o apoio de um ex-presidente, por sua experiência, na figura de um conselheiro. Guerni cita como exemplo a implantação da Comissão da Verdade, quando Dilma chamou todos os ex-presidentes vivos do período democrático para dar força à política de resgate da história rompida pela ditadura.

— Em um pacto republicano, ter um ex-presidente apoiando garante a legitimidade — analisa.

Para o professor do Instituto de Negócios e Política da Universidade Ave Maria, na Flórida, Ubiratan Rezende, a atuação de Lula está dentro da lógica de perpetuação no poder e garantir a reeleição em 2014. Para Rezende, a tentativa de influenciar em uma decisão do Supremo Tribunal Federal mostra que o ex-presidente age como "dono" do Estado.

— Esse tipo de atuação é péssima para o país, porque a perpetuação no poder empobrece a vida política, elimina espaços e torna o Estado um controlador da sociedade civil — diz o professor.

Dos ex-presidentes brasileiros desde a redemocratização, quem mais se distanciou da vida política foi Fernando Henrique Cardoso. Diferente do Brasil, onde os ex-presidentes têm dificuldades para deixar o poder, nos EUA há uma tradição de que os ex-governantes se afastem da vida política. Em geral, quando deixam a Casa Branca, os ex-presidentes americanos criam fundações ou institutos. Nesse sentido, se colocam mais na posição de conselheiros. Mas, mesmo nos EUA, a situação vem mudando. Ao contrário dos antecessores, o ex-presidente Bill Clinton continua nos holofotes, em uma postura que, para Rezende, já começa a desagradar os americanos.

— Clinton continua protagonista porque a mulher dele (Hillary Clinton) é secretária de Estado e, ao mesmo tempo, ele se lançou na campanha de reeleição do presidente Obama, que está em risco — completa o professor.

## Os ex-presidentes brasileiros e americanos

José Sarney (1985-1989)

Sarney assumiu a Presidência com a morte de Tancredo Neves, e mesmo depois de deixar o Palácio do Planalto, nunca saiu da política. Elegeu-se três vezes senador pelo Amapá (1990-1998-2006) e preside a Casa. O ex-presidente esteve envolvido em escândalos, mas apesar da grave crise que enfrentou na presidência do Senado em 2009, por conta de denúncias de contratação de parentes por atos secretos, ele não apenas conseguiu permanecer no cargo, como foi reeleito no ano passado.

Fernando Collor (1990-1992)

O primeiro presidente eleito de forma direta após a redemocratização ficou cerca de dois anos no cargo e acabou renunciando para escapar de um processo de impeachment. Collor ficou inelegível por oito anos. Já em 2007, foi eleito senador por Alagoas e atualmente é presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, além de membro do Conselho de Ética.

Itamar Franco (1992-1994)

Acabou assumindo a Presidência com a saída de Collor. Foi durante seu governo que foi implantado o Plano Real, que abriu caminho para que o ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso fosse seu sucessor. Ao deixar a Presidência, foi embaixador em Portugal, na Organização dos Estados Americanos (OEA) e tornou-se um crítico do governo FHC. O ex-presidente retornou à política em 1998, quando se elegeu governador de Minas Gerais e, em 2002, voltou a ser embaixador na Itália. A exemplo dos seus antecessores, em 2009 elegeu-se para o Senado, mas acabou falecendo em 2011, aos 81 anos, vítima de leucemia.

Fernando Henrique Cardoso

(1994-1998/1999-2002)

FHC foi o primeiro presidente reeleito do país e, diferente dos seus antecessores, não continuou na política após deixar a Presidência. Em 2004, fundou o Instituto Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de reunir sua obra acadêmica. Foi professor da Brown University, de 2003 a 2007 e, em 2005, foi eleito pela revista britânica *Prospect* um dos cem maiores intelectuais ainda vivos do mundo.

Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006/2007-2010)

Após três derrotas na corrida presidencial, Lula foi eleito presidente em 2002 e reeleito quatro anos depois. Durante seu mandato, alcançou altos níveis de popularidade e conseguiu eleger a sua sucessora, Dilma Rousseff. A exemplo de FHC, Lula também criou uma instituição, o Instituto Lula, com o objetivo de desenvolver políticas públicas para países da África e da América Latina. Mas, mesmo fora de um cargo público, o petista nunca se afastou da política, influenciando diretamente nos rumos do governo federal e do PT. Nem durante o tratamento de um câncer, na Jaraguá Lula deixou as negociações políticas de lado.



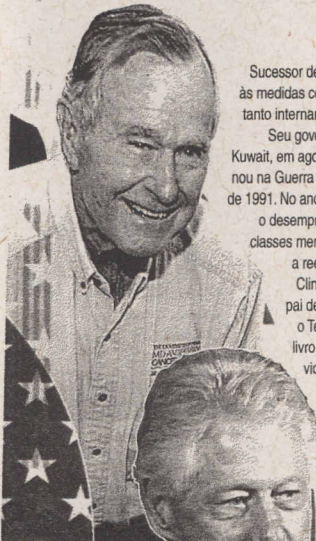
LUCAS DE ABREU



*Quem nunca foi ex? O certo é que lidar com o sentimento de perda é complicado para todos, principalmente para aqueles que se acostumaram a figurar sob holofotes. A abstinência de poder, como no caso de políticos, acostumados a encantar multidões, faz com que eles atuem no ramo mesmo depois de se aposentar. Mas, dizem os especialistas, se é difícil lidar com rupturas – estruturais, de relacionamento, não importa –, imagine como é conviver com milhões delas. Ao mesmo tempo.*

Ronald Reagan (1981-1984/1985-1989)

Ex-ator, foi indicado pelos republicanos e venceu as eleições presidenciais de 1980 e foi reeleito em 1984. Seu governo foi marcado por um período de prosperidade econômica, no campo externo, por uma corrida armamentista, com bombardeiros à Líbia, envio de esquadras navais ao Golfo Pérsico e combate ao comunismo. Também procurou melhorar o relacionamento com a União Soviética, negociando um tratado sobre armas nucleares. Com grande popularidade, Reagan fez o sucessor e, em 1994, anunciou publicamente sofrer do mal de Alzheimer, doença degenerativa do cérebro. Por esse motivo, retirou-se da vida pública e acabou falecendo, aos 93 anos, em 2004.



George H. Bush (1989-1993)

Sucessor de Ronald Reagan, deu sequência às medidas conservadoras do seu antecessor, tanto internamente quanto na política externa. Seu governo foi marcado pela invasão do Kuwait, em agosto de 1990, episódio que culminou na Guerra do Golfo, encerrada em fevereiro de 1991. No ano seguinte, a recessão aumentou o desemprego, atingindo principalmente as classes menos favorecidas. Em 1993, tentou a reeleição, mas foi derrotado por Bill Clinton. Após perder a eleição, Bush pai deixou a vida política e voltou para o Texas. Neste período, publicou um livro com uma série de cartas de sua vida e foi coautor de um livro sobre políticas externas.



Bill Clinton (1993-1997/1997-2001)

O jovem democrata Bill Clinton foi escolhido pelos americanos para suceder o conservador George Bush. Foi um dos presidentes mais populares dos EUA e, apesar de ter sofrido um processo de impeachment, por conta de acusações de assédio sexual, foi reeleito. Clinton deixou o cargo com o maior índice de aprovação de um presidente americano desde a Segunda Guerra Mundial e, desde então, se dedica a palestras e trabalhos humanitários. Criou uma fundação para tratar causas internacionais, tais como tratamento e prevenção de HIV/Aids e do aquecimento global. Em 2009, foi nomeado pelas Nações Unidas enviado especial para o Haiti.

George W. Bush (2001-2004/2005-2009)

Apesar da popularidade, Clinton não conseguiu fazer o sucessor, e o republicano George W. Bush foi eleito, em uma contagem de votos muito questionada. Chegou a atingir um índice de apoio acima dos 90% após o atentado de 11 de setembro (2001), o que praticamente pavimentou sua reeleição. Em resposta ao ataque, anunciou uma guerra contra o terrorismo e ordenou a invasão ao Afeganistão no mesmo ano e ao Iraque, em 2003. O segundo mandato foi marcado por uma grande recessão, além de críticas à invasão ao Iraque. Após deixar o cargo, retornou ao Texas e atualmente é orador público. Lançou ainda um livro sobre sua vida e atua em causas humanitárias.

## Uma situação que requer memória

ALINE REBEQUI

Todo mundo, em algum dia da vida, já acordou sendo ex. Ex-funcionário, ex-esposa, ex-presidente de uma associação, ex-namorado, ex-aluno. Em todos os casos, há uma ruptura. Um passado que ficou para trás, mas que para sempre fará parte de sua história. Especialistas em psicanálise afirmam:

não há como esquecer o estado de ser ex, o desafio é aprender a conviver com ele. Jair Abdon Ferracioli, mestre em Psicologia Social e da Personalidade, diz que, por mais complicado que seja, é necessário memória.

– Na mente humana para esquecer é preciso lembrar e, com as lembranças encontrar uma maneira de lidar com a situação – diz.

O doutor em Psicologia Experimental Eduardo José Leal afirma que seja qual for a área, política, economia, arte, nos relacionamentos pessoais, a experiência vivida deve ser aproveitada nos novos desafios. O importante, segundo ele, é ter claro que o papel agora é outro.

aline.rebequi@diario.com.br



Waldir estudou oito anos para ser padre, e exerceu o sacerdócio pela metade do tempo, mas não se arrepende

## De padre a professor de história

Morando em Nova Veneza, no Sul do Estado, aos 24 anos, Waldir José Rampinelli se tornou padre. A preparação foi longa e demandou oito anos de estudo.

A função de padre durou quatro anos, dois anos e meio em Imarumim (também no Sul de SC) e um ano e meio em Imbituba. Ele conta que chegou à pequena cidade carregando o conceito de fazer algo pela população local além de missas e rezas. Waldir diz que mudou a rotina do município, de acordo com ele, dominado na política e na econo-

mia por apenas uma família. Waldir conta que pela rádio local passava mensagens de igualdade, justiça e melhores condições de trabalho.

– Como eu podia dizer a um homem que está se alimentando no lixo que Deus é bom? É preciso preparar a sociedade antes, dar as mínimas condições de vida para depois falar de Deus. Mas descreditei da função e larguei a batina – diz.

O ex-padre casou e teve uma filha, hoje com 21 anos. Hoje é professor de história na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

e acredita que continua fazendo o mesmo trabalho, mas de uma maneira diferente.

– A mensagem que quero passar é a mesma. Ajudar as pessoas a refletir sobre a sociedade e com a história consigo fazer isso – conta.

Waldir está com 63 anos, joga futebol e é convidado para palestrar em congressos de religiosos. Ele afirma que não se arrepende de ter seguido este caminho.

– Não me considero ex-padre, digo que eu fui, hoje não sou mais e ponto – afirma.

## Chuteira penduradas

Em alguns casos, ser ex pode não ser tão simples, pode não ser de um dia para outro. Ronaldo Luís Nazário de Lima, o Ronaldo Fenômeno, sabia disso. Se preparou para a hora de ser ex-jogador de futebol, sem deixar de ser lembrado, e conseguiu. Roberto Alves, comentarista, diz que Ronaldo soube escolher a hora certa, sair de cena da melhor maneira possível. O que Ronaldinho Gaúcho, segundo ele, deve começar a pensar.

– Vejo que ainda não está na hora dele. Mas é preciso preparação, principalmente a psicológica. É um momento de pensar que nada dura para sempre, que é bom começar a articular novas coisas para se fazer. Que foi bom enquanto durou e que será bom não cair no esquecimento – diz.



DIVULGAÇÃO

## Atuação por gosto

Ela tinha uma vida completamente privada. Tudo mudou quando passou de Rosemeri Bartuchski a Rose Berger, a primeira-dama. O privado ficou para trás. No casamento de 17 anos, oito foram diretamente ligados ao prefeito de Florianópolis, Dário Berger.

De primeira-dama, passou a ser secretária de Assistência Social, depois, foi presidente da Associação Florianopolitana de Voluntários. Hoje, três anos e meio depois da ruptura como primeira-dama, continua no círculo público. Rose é a atual presidente da Fundação Catarinense de Educação Especial. Continua participando de eventos públicos e afirma que, como primeira-dama, guardou boas experiências.

– Vida pública requer dedicação 24 horas por dia e sempre será assim, gosto disso – afirma.



# Inovar deve ser pilar das empresas

Inovação é prioridade de empresas e governos de boa parte dos países nos últimos anos. No Brasil, o tema é colocado com ênfase, especialmente quando fica evidente que o Produto Interno Bruto (PIB) cresce muito aquém do esperado em função da falta de competitividade devido à baixa inovação. É com o propósito de incluir a prática da inovação no DNA de empresas de todos os portes e demais interessados que a Associação de Empresas Inovadoras (Anpei) vai realizar, de 11 a 13 de junho, no Centreventos, em Joinville, a XII Conferência Anpei de Inovação Tecnológica, com o tema Inovar Agora: Competição Global e Sobrevivência Local.

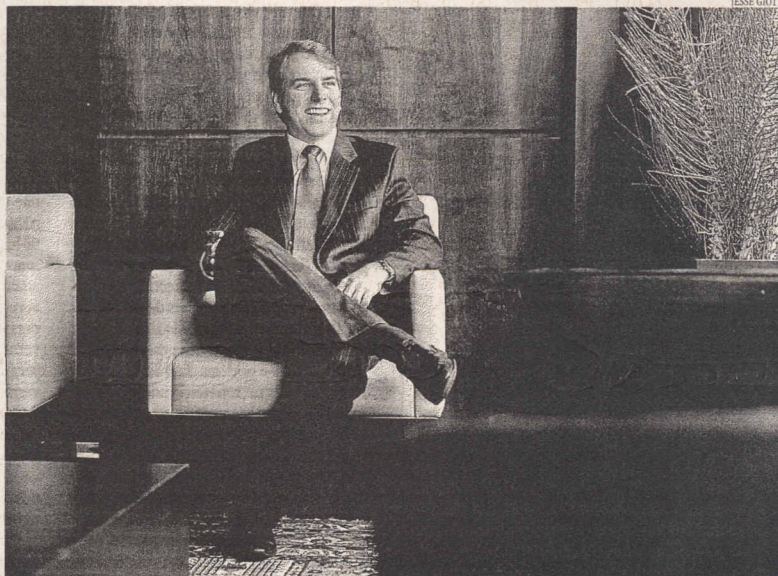
O vice-presidente da Anpei e coordenador do evento, Guilherme Marco de Lima, também gestor da Embraco e Whirlpool, diz que todas as empresas devem inovar sempre e que inovação deve ser algo simples. Além disso, há recursos públicos disponíveis que ainda não são todos utilizados. A conferência Anpei contará com palestrantes internacionais, como Don Tapscott, que falará sobre os desafios do mundo contaminado pela inovação e globalização, e Annalisa Primi, da Organização para a Coordenação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que falará sobre referências comparativas de inovação em países emergentes.

## Por que o tema competição global, sobrevivência local?

**Guilherme de Lima** – Hoje, o Brasil cresce numa média menor do que o mundo em termos de competitividade, que significa produzir mais com os mesmos recursos e pessoas. Antes, pequenas, médias e grandes empresas consideravam o país como base de competição. Hoje, as empresas de fora vêm com uma base bem maior e, para a sobrevivência local, é preciso pensar em competição global.

## O que o Brasil precisa fazer para avançar em inovação?

**Guilherme** – Quando se fala em inovação consideramos



## Guilherme Marco de Lima

Vice-presidente da Associação das Empresas Inovadoras (Anpei) e coordenador da XII Conferência Anpei de Inovação Tecnológica, que será na próxima semana, em Joinville. Guilherme Marco de Lima, 32 anos, também é gestor corporativo de Relações Institucionais para Inovação da Embraco e da Whirlpool Latin America. É joinvilense, graduado em Engenharia Sanitária e Ambiental pela UFSC, atua na Embraco há oito anos e está à frente das Relações Institucionais de inovação da empresa desde 2008. É casado com Elisa e tem duas filhas: Bianca, de quatro anos, e Helena, de dois anos. Engenheira civil, Elisa optou por cuidar da educação das filhas por um período.

“  
Precisamos ter alocação crescente de recursos governamentais e privados na área de inovação.”

peças, cultura governamental e de negócios, gestão com visão de longo prazo e recursos financeiros. Precisamos ter alocação crescente de recursos governamentais e privados na área. Mas, nos últimos dois anos, o governo reduziu em 22% o orçamento de inovação do Ministério da Ciência e Tecnologia. Nossa média de investimento em inovação em relação ao PIB é de 1,3%, enquanto a média dos países da OCDE é de 2,6%. Isso mostra que temos muito a percorrer.

## E na formação de pessoas?

**Guilherme** – O Brasil cresce na publicação de artigos científicos duas vezes mais do que

a média mundial, mas precisa formar mais pessoas nas áreas de engenharia e ciências duras (Matemática, Física, Arquitetura e outras). A China forma 40% de universitários em ciências duras e engenharia, e nós, 10%. Outro pilar é a cooperação. Precisamos cooperar muito mais entre empresas e universidades e empresas e empresas.

## Como estão as empresas??

**Guilherme** – Hoje, 4% das empresas do país, de todos os portes – pequenas, médias e grandes –, inovam em nível local. Isto significa que 96% das empresas que vêm competir no Brasil levam vantagem. As médias

e grandes tendem a inovar mais, mas isso não é uma regra. Tem muita empresa grande que não tem esse pilar de negócios e, muitas pequenas com inovação muito forte, especialmente as que estão em incubadoras. Na minha opinião, inovar deve ser o pilar das empresas.

## É difícil inovar?

**Guilherme** – Inovar é simples. As empresas têm que perceber que não é só o professor Pardal que faz inovação. Ela deve estar no dia a dia, na melhoria da produção, do modelo de negócios. As empresas devem explorar os recursos financeiros disponíveis da Finep, Fapesc e BNDES.

## Exemplos

Um dos pontos altos da conferência da Anpei será a apresentação de *cases* de inovação de empresas. Entre os exemplos de estarão a WEG, de Jaraguá, com o desenvolvimento de plataforma de motores W22; a Whirlpool Latin America, com o Inversa Viva; e a Magneti Marelli Cofap, que abordará um sistema de amortecimento semiativo. Segundo Guilherme Lima, o Brasil tem bons exemplos de empresas inovadoras, como a Braskem, Natura e Embraco.

## Autoridades

Entre as autoridades que confirmaram presença na conferência da Anpei, dia 11, às 14h30min, estão o governador Raimundo Colombo, a ministra de Relações Institucionais, Ideli Salvatti e o Ministro da Ciência e Tecnologia, Marco Antonio Raupp. Também estarão o presidente do Sistema Fiesc, Glauco José Corte, e o presidente da Finep, Glauco Arbix. Presidentes de grandes empresas serão palestrantes de painel.

## Inscrições

Os organizadores do evento aguardam público de aproximadamente 1,5 mil pessoas. As inscrições continuam abertas até o evento e empresas catarinenses têm desconto de 50%. Podem participar de toda a programação pagando R\$ 600 de inscrição. Além de palestras gerais, haverá interações do público sobre exemplos empresariais. A Embrapii, Empresa da Indústria, também estará no evento.

## Entraves

Entre as razões pelas quais a maioria das empresas não inova estão a escassez de financiamento, risco elevado para o negócio e falta de recursos humanos. No caso de recursos financeiros já existe, no Brasil, uma base instalada. Há incentivos fiscais automáticos, que a empresa não precisa submeter à burocracia, financiamento reembolsável e não reembolsável (a fundo perdido). As linhas são da Finep, BNDES, Sebrae e Fapesc.



CARLOS DAMIÃO



● **Rua Deputado Antônio Edu Vieira terá mais um capítulo. pág. 23**

## Mais um esforço pela Edu Vieira

Audiência pública marcada para esta quarta-feira (6), às 15h, no Plenarinho da Câmara de Florianópolis, vai discutir o projeto de duplicação da rua Deputado Antônio Edu Vieira. Já que a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) está sob nova direção, seria esperar demais que a instituição mandasse representantes para debater a sério um dos problemas mais graves da capital catarinense? Ao que parece, a universidade tem ideias para propor e um corpo técnico de qualidade superior para contribuir com o projeto, definido inicialmente pela prefeitura com características importantes de humanização – como ciclovias, calçadas e outros equipamentos urbanos. Ceder a parte do terreno necessária à modernização da via não é privilegiar o automóvel, mas reconhecer a existência de um problema que se arrasta há mais de dez anos e que compromete o funcionamento da cidade e do próprio campus – implantado num terreno doado pelos catarinenses, há mais de 50 anos. Não seria a hora de retribuir, reitora Roselane Neckel? Mande lá, na Câmara, depois de amanhã, representantes capazes de iluminar esse obscuro caminho da imobilidade urbana!



DMULGAÇÃO/INNO

### **Festas de...**

Por falar em UFSC, arruaceiros voltaram a ocupar uma parte do campus, na noite de quinta (31/5) e madrugada de sexta-feira (1/6), para promover mais uma festa de embalo, perturbando o sossego dos moradores do entorno do campus com carros tunados (equipados com sons potentes). Há suspeitas generalizadas nos bairros próximos de que a maior parte dos participantes desses encontros seja estranha ao campus.

### **...embalo**

Informações colhidas por moradores indicam que é permitido nas festas – não autorizadas pela direção da UFSC – “um comércio habitual de produtos alimentícios, bebidas e outras coisas... Como pode a respeitável instituição federal de ensino superior permitir essas festas, cada vez mais abusivas e mal frequentadas”, questiona um morador.



04/06/2012

### Arraiá da Mobilidade

No dia 15, às 19 horas, haverá "Arraiá da Mobilidade", realizado pela UFSC de Joinville. Será no Estrela da Vila Baumer e haverá show com Dimas Alan e DJ. Ingressos já estão à venda. Informações em [ouvidoria.calem@gmail.com](mailto:ouvidoria.calem@gmail.com).

A Notícia-Serviço

### Correção

*Adolfo Boos Júnior é o nome do escritor que participou do Círculo de Leitura promovido pela UFSC na última semana. E não Alfredo Boos Júnior, como foi publicado no texto do caderno Variedades da última quinta-feira.*

Diário Catarinense-Variedades

### ZORRA TOTAL

Dois colégios existentes na principal via do Córrego Grande que dá acesso a estudantes e trabalhadores à UFSC tumultuam o trânsito, deixando a região numa zona na hora do pique. É de se perguntar se dois, apenas dois guardas municipais, não dariam uma solução para centenas de usuários que penam vendo manobras ilegais defronte às escolas. Hoje, segunda, é um ótimo dia para comprovar esses abusos.

Notícias do Dia-Ricardinho Machado

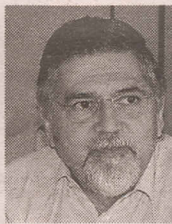


## As defesas da cultura em Florianópolis

Enquanto o escritor Salim Miguel, 88 anos e reconhecido pelo prêmio Machado de Assis, autografa o livro "Reinvenção da infância", o menino Vinicius Francisco Reis, 5 anos, afina seu instrumento musical na Orquestra Escola de Florianópolis. Vinicius e Salim são dois extremos, em cinco gerações, da paisagem cultural em que convivem a canoa bordada e a cultura digital, as festas do Divino, o novo circo e a Barca dos Livros, além de tantas expressões que dão à cidade uma identidade marcada pela diversidade cultural. Para renovar o pensamento e a criatividade no meio artístico foi criado, em dezembro de 2010, o Fundo Municipal de Cultura, a principal ação de fomento da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Na gestão da cultura, o maior desafio tem sido a desburocratização do serviço público e, desde 2009, avançamos por esse caminho. A restauração da autonomia da Fundação Franklin Cascaes, desvinculando-a da Secretaria Municipal de Turismo, foi o primeiro passo para assegurar respeito à natureza das artes e dos saberes locais. Hoje, a Franklin Cascaes possui status de secretaria e, na condição de autarquia, tem mais flexibilidade na captação de recursos para os projetos culturais.

Porém, nenhuma ação pública seria digna sem a participação da sociedade civil. Assim, após 22 anos de criação do Conselho Muni-



### Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

Superintendente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e secretário Municipal de Educação

cipal de Cultura, nunca constituído, a Lei 7.974 de 2009 possibilitou a formação do Conselho Municipal de Política Cultural, composto por 15 conselheiros da sociedade civil, eleitos na Conferência Municipal de Cultura, e 15 membros indicados pelo poder público. O próximo passo é a aprovação do Plano Municipal de Cultura – de caráter decenal e em fase final de elaboração pelo Conselho – e o registro continuado do patrimônio imaterial e intangível do município.

Mas o principal passo na formação de um Sistema Municipal de Cultura para Florianópolis foi dado com o Fundo Municipal de Cultura – regido pela Lei 8.478 de 2010 –, que destina R\$ 1,15 milhão para projetos de pessoas físicas e jurídicas em diversas áreas. O Edital de Apoio às Culturas/2012 recebeu neste primeiro ano a inscrição de 221 projetos, constituindo-se no mais democrático, transparente e eficaz instrumento de financiamento público da cultura.

Esperamos que o Fundo contribua para a inovação e a renovação do meio artístico e cultural de Florianópolis, para que, no futuro próximo, a literatura do mestre Salim Miguel, a música do menino Vinicius Reis ou o saber fazer da tradicional canoa de um pau só (monóxila), embora imateriais, se tornem tão perenes quanto a murada do Forte de Santa Bárbara, pois as nossas mais legítimas defesas são a educação, a arte e a cultura.

“  
Para  
renovar o  
pensamento  
e a  
criatividade  
no meio  
artístico  
foi criado  
o Fundo  
Municipal de  
Cultura.”



# MARCHA DA MACONHA

## Tudo na maior paz

Manifestação na Capital pela liberação do consumo da droga foi tranquila

Num clima de tranquilidade e sem transtornos ao trânsito, manifestantes caminharam do trapiche da Avenida Beira-Mar Norte até o Bar Koxixo's, na tarde de sábado, pedindo a legalização da maconha.

De acordo com o presidente do Instituto da Cannabis, Lucas de Oliveira, os participantes seguiram

as recomendações dos organizadores e não portaram ou consumiram a droga durante o evento. O instituto é uma organização formada por estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O objetivo da marcha é a legalização da maconha, assim como ressaltar a necessidade de discussão sobre essa medida. Entre quinta e sexta-feira, também foram promovidas pales-

tras com temas como drogas e saúde pública e a história da maconha.

O comandante do 4º Batalhão da PM, tenente-coronel Araújo Gomes, que estava em contato com os organizadores da marcha, não previa complicações no trânsito, o que de fato não aconteceu. De acordo com o presidente do Instituto da Cannabis, não havia policiais uniformizados acompanhando a marcha.



JULIO CAVALHEIRO

Caminhada saiu do trapiche da Beira-Mar Norte e seguiu até o Koxixo's



# Ode à generosidade

**Telona. Filme de Zeca Pires foca a trajetória e solidariedade como marca de Salim**

PAULO CLÓVIS SCHMITZ

pc@noticiasodia.com.br

pc\_ND

**FLORIANÓPOLIS** — A grandeza do escritor, mas também do homem, com seu imenso desapego e generosidade, é o foco central do documentário “Salim na intimidade”, que o cineasta Zeca Pires está finalizando e que deve estreiar até o final de julho na TV UFSC, ser disponibilizado no portal e exibido no auditório do Centro de Cultura e Eventos da universidade. Com cerca de 1h45 de duração, o filme de Zeca também vai destacar a convivência de Salim com a mulher Eglê Malheiros, companheira de mais de seis décadas, baseada no respeito pelas duas individualidades e num enorme carinho pelos filhos, para quem ela liga todos os fins de semana, invariavelmente.

Depoimentos sobre o Grupo Sul, a proximidade deste com o cinema, a livraria de Salim que foi incendiada nos anos da ditadura, a prisão do escritor, sua ligação com o jornal “O Estado”, a vida em família e até cenas de festas de aniversário – tudo isso está no documentário. “Ele é um bom papo, cativa ao falar de literatura e de como cria seus personagens”, conta o cineasta. Embora se concentre na rotina de Salim e Eglê, e “no amor admirável que os une”, o filme reúne depoimentos importantes do irmão Said e de amigos como Antonio Holdfeldt, Cícero Sandroni, Jorge Appel, Silveira de Souza, Flávio José Cardozo, Adolfo Boos Júnior e Laudelino José Sardá.

Zeca Pires conta que sua ligação com o escritor vem dos tempos em que este privava da amizade de seu pai Aníbal Nunes Pires, poeta e professor que foi um dos pilares do Grupo Sul. Na dedicatória de um livro, o romancista reverenciou “o Zé, primeiro filho do Aníbal e agora meu amigo”. O diretor, com vários filmes premiados, se empenhou em mostrar a condição de crítica de Eglê, também escritora, em relação à obra do marido, a quem ele confia a primeira leitura de seus originais.

Nesta segunda-feira, para comemorar os 26 anos da Cinemateca Catarinense, começam no MIS (Museu da Imagem e do Som) uma exposição e a exibição de filmes e vídeos que fazem referência do Grupo Sul, do qual participaram Salim Miguel, Eglê Malheiros e outros escritores e artistas em meados do século passado.

Quebrando os grilhões. Salim Miguel, Eglê e o Grupo Sul faziam obras literárias chegarem em pedaços nas ex-colônias portuguesas na África, sob a ditadura de Antonio Salazar



Memória. Registro do momento em que Salim Miguel assumiu a direção da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina em 1983

## Obra dividida com o leitor

As trajetórias de Salim Miguel e Luciana Rassier se cruzaram quando o escritor já era octagenário, mas o resultado foi o melhor possível. Ela conheceu o escritor quase por acaso, após uma “carona de guarda-chuva em Paris”, na sua expressão, e o primeiro fruto de grande amplitude foi a tradução que fez com Jean-José Mesguen do livro “Primeiro de abril – Narrativas da cadeia”, publicado em 2007 pela editora L’Harmattan. Os franceses se interessaram pelo tema, porque

envolvia os anos de repressão no Brasil, e Salim, jornalista crítico, dono de livraria e comunista convicto, fora preso pelas forças militares em Florianópolis. Por aqui, a obra já havia conquistado o prêmio de melhor romance brasileiro de 1994 pela União Brasileira de Escritores.

Se, como professora de literatura, Luciana pode analisar a obra com o rigor de um especialista, no dia a dia ela se coloca na condição de privilegiada amiga de Salim e

Eglê. “Tenho profunda gratidão pela generosidade e pela amizade que sempre demonstraram para comigo”, diz. Do ponto de vista do estilo, destaca que nas obras do autor está sempre reservado um importante papel para quem lê. “Sua obra dá ao leitor um papel ativo, o faz pensar, questionar”, afirma. “Suas narrativas apresentam diferentes versões de um mesmo fato, um personagem sob diferentes ângulos, um mesmo personagem porém com fatos discordantes”.

## Livros aos pedaços

Um fato que surpreendeu a agente literária de Salim Miguel foi o papel que ele, Eglê e o Grupo Sul tiveram na época em que as ex-colônias portuguesas na África, em especial Angola e Moçambique, estavam sob os grilhões da ditadura de Antonio Salazar. Como a entrada de livros considerados subversivos era proibida nessas regiões, os escritores catarinenses faziam chegar as obras em pedaços, rasgadas em três ou quatro partes, para não chamar a atenção. “É por isso que escritores africanos hoje respeitados, como Luandino Vieira, António Jacinto e Viriato da Cruz, têm profundo respeito por Salim Miguel.”



Filme. Vida e obra de Salim Miguel são abordadas no documentário, que deve estreiar até o final de julho na TV UFSC



Resgate. Documentário de Zeca Pires destaca a grandeza do escritor